

(CHRIST AT HIS SANCTUARY)
CRISTO EM SEU SANTUÁRIO

Rumo ao Diálogo Adventista-Evangélico

Roy E. Gane

Professor de Hebraico Bíblico e Línguas do Antigo Oriente Próximo
Diretor dos Programas de Ph.D./Th.D. e M.Th. do Seventh-day Adventist
Theological Seminary Andrews University

Dissertação apresentada em diálogo com
World Evangelical Alliance
Andrews University
6 de agosto de 2007

A compreensão Adventista do Sétimo Dia dos santuários bíblicos terrestre e celestial é compatível com a teologia evangélica até certo ponto, além do qual a visão Adventista é única. O objetivo deste artigo é descrever brevemente a semelhança, especificar o ponto de partida e explicar a singularidade.

Para minha compreensão dos santuários, estou em dívida com muitos estudiosos, tais como os autores Adventistas da Daniel and Revelation Committee Series (7 vols.; ed. Frank Holbrook) e meu mentor Judeu na Universidade da Califórnia, em Berkeley, Jacob Milgrom (autor da série do comentário *Anchor Bible* sobre o livro de Levítico; 3 vols.). No entanto, em vez de rever um monte de literatura sobre o tema, talvez a maneira mais simples e mais precisa para mim de começar o diálogo atual é citar aspectos dos santuários bíblicos que fui capaz de incluir no volume que escrevi sobre *Levítico* e *Números* para a série evangélica NIV Application Commentary (Zondervan, 2004), e explicar os aspectos que intencionalmente deixei de fora, porque eles pertencem à esfera exclusivamente Adventista de interpretação. Este processo particular exige que eu seja excessivamente auto referencial, pelo que peço desculpas antecipadamente.

**CONCEITOS DO SANTUÁRIO COMPATÍVEIS
COM A TEOLOGIA EVANGÉLICA**

Aqui estão alguns conceitos-chave sobre os santuários bíblicos e suas funções (especialmente em relação aos sacrifícios) que são apresentados no meu comentário sobre *Levítico* e *Números*. Nem todos os evangélicos concordariam com todos esses pontos, mas a aceitação deles não é de forma alguma confinada aos Adventistas do Sétimo Dia.

O Sacrifício de Cristo Como o Remédio Para o Pecado e Seus Resultados

1. As consequências de vida e morte retratadas graficamente em todos os vários antigos sacrifícios Israelitas de animais alcançaram seu cumprimento no rico e de uma vez por todas sacrifício de Cristo, “o cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (Jo 1:29).¹
2. Assim como a purificação (do chamado “pecado”), ofertas remediavam não só atos de pecado, mas também as impurezas rituais físicas que significam o estado de mortali-

¹ Roy Gane, *Leviticus, Numbers (NIV Application Commentary)*; Grand Rapids: Zondervan, 2004), p. 68; cf. pp. 69, 70, 89-92.

dade resultante do pecado, através do sacrifício de Cristo, Deus “não só nos perdoa de nossos pecados (1Jo 1:9), Ele nos cura de nossa doença da mortalidade e nos dá vida eterna (Jo 3:16)!”²

3. “O sacrifício de Cristo é crucialmente necessário porque permite que Deus *mantenha Sua justiça quando estende a misericórdia* ao perdoar os seres humanos que violaram a Sua lei. Apenas este sacrifício torna possível para Deus ser justo quando Ele justifica aqueles que acreditam (Rm 3:26).”³
4. Deus perdoa diretamente os pecadores. Ele nunca delegou a qualquer ser humano (incluindo sacerdote) o direito de conceder o perdão como Ele faz.⁴
5. “O perdão através da expiação mediada por sacerdotes Aarônicos no santuário Israelita era provisório, contingente sobre o futuro sacrifício de Cristo (Hb 9:9; 10:1-4, 11).”⁵
6. “Como evidência para a natureza substitutiva da expiação de Cristo, os Cristãos precisam olhar não mais do que o fato de que, como Sacerdote, Ele portou pecados humanos e como Vítima, Ele morreu por esses pecados.”⁶

O Ministério Sacerdotal de Cristo no Santuário Celestial de Deus

1. Não precisamos mais de sacerdotes humanos em um santuário/templo na terra porque Cristo, o único substituto divino-humano para os pecadores e mediador entre Deus e humanidade, inaugurou o Seu melhor, verdadeiramente eficaz ministério sacerdotal no templo celestial após Sua ascensão.⁷
2. Agora que Cristo ministra no céu, não existe lugar sagrado Cristão onde a gloriosa Shekinah, presença visível de Deus, reside em um determinado local na terra. Portanto, “os Cristãos não são mais obrigados a observar as leis rituais de purificação do Pentatêuco ritual, que governavam as interações entre os Israelitas e o Senhor, enquanto Ele habitou entre eles em Seu santuário.”⁸

Tipologia Vertical e Horizontal

1. Existe correspondência/tipologia “vertical” entre o santuário de Deus no céu e o santuário Israelita abaixo na terra, que era uma “cópia e sombra do que está no céu” (Hb 8:5; cf. Êx 25:9).⁹
2. Existe correspondência “horizontal/histórica” ao longo da linha do tempo da história: “Da perspectiva do Novo Testamento, o sistema do santuário Israelita ‘profetizava’ mais realidades posteriores e maiores da história da salvação, seja na terra ou no céu.”¹⁰ Desse modo, a cruz de Cristo cumpre a função do “altar” para os Cristãos (Hb 13:10-12) e festas Israelitas da primavera que prefiguravam a morte e a ressurreição de Cristo (1Co 5:7; 15:20).

² Idem, 228, citando Roy Gane, *Altar Call* (Berrien Springs, MI: Diadem, 1999), p. 118.

³ Gane, Leviticus, Numbers, p. 127; cf. p. 128.

⁴ Idem, pp. 102-103.

⁵ Idem, pp. 179-180.

⁶ Idem, p. 197.

⁷ Idem, pp. 180-185.

⁸ Idem, p. 229.

⁹ Idem, p. 181. Sobre os controles hermenêuticos bíblicos para tipologia, especialmente das variedades horizontais e verticais, veja Richard M. Davidson, *Typology in Scripture: A Study of Hermeneutical Τύπος Structures* (Andrews University Seminary Doctoral Dissertation Series 2; Berrien Springs, MI: Andrews

University Press, 1981). Sobre as formas em que o santuário Israelita representava vários aspectos ou papéis de Cristo, veja Gane, *Altar Call*, p. 38.
10 Gane, Leviticus, Numbers, p. 181.

Transferência de Pecado e Estágios da Expição

1. Levítico 6:27-28 mostra que as ofertas de purificação (do “pecado”), prefigurando o sacrifício de Cristo, tinham propriedades de transferência únicas: “Carregando os males daqueles que lhe oferecia, esses sacrifícios contaminavam o que eles tocavam, mesmo acidentalmente. Uma vez que o ritual exigia que o sangue e a gordura entrassem em contato com parte do santuário, o santuário recebia contaminação que devia ser removida no Dia da Expição.”¹¹ O objetivo de Deus “era purificar pessoas culpadas, não poluir Seu santuário, mas o efeito sobre o santuário era um efeito colateral inevitável”¹²
2. O antigo sistema ritual Israelita ligava dois estágios principais de expiação, primeiro durante todo o ano e, em seguida, no Dia da Expição/Purificação:
Estágio 1: Durante todo o ano, as ofertas de purificação removiam os males de seus ofertantes e deixavam esses males no santuário, onde eles se acumulavam. Assim, os males eram transferidos para o santuário. Esta etapa resultava em *perdão (slh)* ou *purificação física (thr)* para o ofertante.
Estágio 2: No “Dia da Purificação” anual, ofertas especiais de purificação removiam do santuário e acampamento os males que tinham se acumulado no santuário durante todo o ano. Este estágio resultava na *purificação moral (thr)* para os Israelitas.¹³
3. Como no sistema ritual Israelita (especialmente em Levítico), o Novo Testamento indica que existem estágios de reconciliação (unir novamente) entre Deus e Seu povo. Paulo escreveu que, através da morte de Cristo, Deus já tinha reconciliado os seres humanos a Si mesmo (Rm 5:10; Cl 1:22; 2Co 5:18, 19), mas, por outro lado, ele apelou: “Reconciliem-se com Deus” (2Co 5:20). Isto é porque a morte sacrificial de Cristo uma vez por todas (Hb 9:26, 28) fez provisão completa para a salvação de todos os que O aceitam (Jo 3:16-18), e enquanto as relações humanas com Deus estão sendo curadas através da intercessão de Cristo e o poder transformador contínuo do Espírito Santo, o Senhor está reconciliando as pessoas a Si mesmo. Toda reconciliação/expição flui de Cristo na cruz, mas a cruz não era o fim da história. Assim como a mediação sacerdotal era essencial para o sacrifício Israelita, a “intercessão de” Cristo “é uma realidade intensa – uma obra absolutamente necessária – e sem a qual a aplicação contínua da redenção não pode acontecer.”¹⁴

Juízo Para Vindicação de Deus e de Seu Povo

1. O santuário de Deus representa Seu caráter (amor, incluindo justiça e misericórdia), autoridade, e reputação. Assim, a purificação do santuário no Dia da Expição (Estágio 2) vinculava a vindicação da justiça do caráter de Deus, que era necessário

¹¹ Idem, 150; cf. 148, 149; para mais detalhes, veja Roy Gane, *Cult and Character: Purification Offerings, Day of Atonement, and Theodicy* (Winona Lake, Ind.: Eisenbrauns, 2005), pp. 165-181.

¹² Gane, Leviticus, Numbers, p. 150.

¹³ Idem, 278; cf. pp. 277, 279-283; incorporado numa nota de estudo *Faith in Action Study Bible* (Grand Rapids: Zondervan, 2005), p. 174. Para mais detalhes, veja Gane, *Cult and Character*, pp. 267-302.

¹⁴ Gane, Leviticus, Numbers, pp. 292-293, citando Andrew Murray, *With Christ in the School of Prayer* (Springdale, PA: Whitaker House, 1981), p. 194.

porque Ele tinha incorrido em responsabilidade judicial através da demonstração de misericórdia para pessoas culpadas, mas para perdoar em vez de condenar (*Estágio 1*).¹⁵

2. O Dia da Expição era o dia de julgamento de Israel, quando aqueles que continuavam a aceitar seu dom de graça e recebiam limpeza moral/vindicação mostravam fé contínua e lealdade para com Ele, praticando a autonegação e abstenção do trabalho (Lv 16:29-31).¹⁶
3. No Dia da Expição (Lv 16) também havia julgamento sobre o bode Azazel (chamado “pode expiatório”), que representava não Cristo mas Satanás, o arqui-inimigo de Deus que deu origem ao pecado, tenta maliciosamente e acusa Seu povo.¹⁷

PONTO DE PARTIDA

Na parte seguinte do meu comentário sobre *Levítico* e *Números*, eu cheguei ao ponto de partida na interpretação Adventista única, mas parei intencionalmente exatamente antes:

Descobrimos que a purificação do antigo santuário Israelita, uma vez por ano, significava o esclarecimento sobre a reputação de Deus no que diz respeito ao Seu tratamento de pessoas que tinham feito diferentes tipos de escolhas a Seu respeito. Como o ministério de Cristo no templo celestial de Deus tem substituído os serviços Aarônicos (Hb 7-10) na “cópia e sombra” terrenas (8:5), surge a possibilidade de que Cristo como Vítima-Sacerdote possa chamar a atenção para um fardo da reputação de Deus que é levado em sua sede no templo.

Essa possibilidade é fortalecida pelo fato de que “as coisas celestiais” tinham que ser purificadas pelo sacrifício de Cristo no início de Seu ministério sacerdotal no templo de Deus (Hb 9:23), assim como parte do santuário terrestre recebeu purificação de sangue quando Aarão e seus filhos foram consagrados (9:21; cf. Lv 8:15 – altar exterior). Assim, “o Novo Testamento não limita a aplicação da morte de Cristo à purificação da pessoa; ele também afirma que o santuário tem sido purificado pelo sangue de Cristo para que agora tenhamos acesso à corte celestial.” Se o melhor sacrifício de Cristo tem esta função no início do Seu ministério sacerdotal, talvez também purifique o santuário celestial mais tarde, de alguma forma, que seja análoga à purificação realizada pelo sumo sacerdote Israelita no Dia da Purificação (ver comentários sobre Lv 23:26-32).

O templo de Deus no céu seria afetado por transações espirituais em vez de rituais. Oramos para confessar nossos pecados em vez de colocar fisicamente nossas mãos sobre a cabeça de Cristo, e Ele perdoa e nos purifica (1Jo 1:9). Ele purifica nossas consciências com Seu sangue (Hb 9:14), mas não é o sangue físico literal que levou com Ele em um recipiente quando ascendeu ao céu. Em vez disso, Cristo levou o “evento cruz” com Ele para o céu em Sua própria pessoa (Ap 5:6).¹⁸

¹⁵ Gane, Leviticus, Numbers, pp. 284-288, 293-295; para mais detalhes, veja idem, *Cult and Character*, pp. 318-323, 331-333.

¹⁶ Gane, Leviticus, Numbers, pp. 404-409; para mais detalhes, veja idem, *Cult and Character*, pp. 305-318.

¹⁷ Gane, Leviticus, Numbers, pp. 288-291, 295-297; cf. idem, *Cult and Character*, pp. 261-266.

¹⁸ Gane, Leviticus, Numbers, pp. 294-295, citando Allen P. Ross, *Holiness to the Lord: A Guide to the Exposition of the Book of Leviticus* (Grand Rapids: Baker, 2002), p. 136. Cf. Gane, Leviticus, Numbers, p. 409

Os Adventistas do Sétimo Dia encontram a possibilidade sugerida pela tipologia a ser confirmada: O melhor sacrifício de Cristo, de fato, “purifica o santuário celestial mais tarde, de alguma forma, que é análogo à purificação realizada pelo sumo sacerdote Israelita no Dia da Purificação.” Esta confirmação é encontrada em passagens escatológicas da Escritura. Assim, os Adventistas do Sétimo Dia combinam a tipologia e a escatologia do santuário, vendo evidências bíblicas para uma última fase de expiação no templo celestial, que funciona como o antítipo para o Dia Israelita da Expição.

JUÍZO ESCATOLÓGICO PRÉ-ADVENTO

Na Bíblia existem várias fases do julgamento divino que se aplicam ao mundo inteiro, incluindo o julgamento do mundo na cruz no sentido de lançar o “príncipe deste mundo,” i.e., Satanás, o usurpador (Jo 12:31), anunciando o veredicto do julgamento que separa o leal do desleal entre o povo nominal de Cristo em Sua Segunda Vinda (Mt 25:31-46), uma fase deliberativa de julgamento após a Segunda Vinda durante o milênio, aparentemente para fixar penalidades sobre aqueles que já estão condenados como perdidos (Ap 20:4, 12-13), e a execução final do julgamento sobre os desleais e iníquos quando eles, Satanás, e todo o mal são destruídos no final do milênio (vv. 9-10, 14, 15). Desse modo, o “julgamento” de Deus é um processo que abrange um longo período de tempo.

Dentro do processo de julgamento, há uma outra fase. Apocalipse 22:12 diz: “Eis, que Eu venho rapidamente, e Minha recompensa [está] comigo, para entregar a todo homem de acordo com aquilo que ele tem feito” (NASB, 95, aqui e nas citações subsequentes, salvo indicação em contrário). No contexto, isto significa que, quando Cristo voltar, os destinos humanos já foram decididos com base na deliberação prévia sobre a forma como viveram. Diversas passagens revelam esta fase de julgamento deliberativo antes da segunda vinda de Cristo.

O apóstolo Paulo falou do “dia em que, segundo o meu evangelho, Deus julgará os segredos dos homens por meio de Cristo Jesus” (Rm 2:16; cf. Ec 12:14). Para que ninguém pense que isso não se aplica a Cristãos “nascidos de novo,” ele afirmou que “todos nós estaremos diante do trono de Deus” (14:10).¹⁹ Tal responsabilização soa assustadora, e realmente deve ser àqueles inclinados a serem desleais. No entanto, para os leais, que fizeram um concerto com Deus pelo sacrifício (Sl 50:5) aceitando a Cristo como seu sacrifício suficiente, Substituto e Mediador misericordioso, e que se mantêm Nele pela fé para perdão e transformação que Ele forneceu (cf. Cl 1:21-23), tal julgamento deveria ser uma bem vinda oportunidade para a justiça e vindicação divinas (cf. Sl 35:24; 50:3-6; 96:10-13; 135:14) contra as acusações opressivas de Satanás, que tenta reivindicar o povo de Deus como seu porque eles pecaram (Zc 3:1-5; Ap 12:10).

sobre Levítico 23:26-32, mostrando a conexão entre o Dia da Expição Israelita e o “dia” futuro, quando o Senhor julga Seu povo (Hb 10).

¹⁹ João 3:18 diz literalmente: “Aquele que crê Nele não é julgado” (NASB e NASB95; cf. NJB). No entanto, várias traduções Inglesas reconhecem que neste contexto “julgado” refere-se à parte da condenação do processo de julgamento: “Aquele que crê Nele não é condenado” (NKJV; cf. NRSV, NIV).

Hebreus 10:26-30 adverte os Cristãos contra a apostasia futura. Aqui a “expectativa aterrorizante do julgamento” (v. 27) tem que ver com a execução da punição. No entanto, o argumento *a fortiori* referente à diretriz do Pentateuco para casos capitais (“morrer sem misericórdia de acordo com [o testemunho de] duas ou três testemunhas. Quanto mais severa a punição...”; vv. 28-30) implica que antes da execução há uma fase deliberativa envolvendo testemunhas, que ainda é futuro da perspectiva do autor de Hebreus. Aqui, o alvo do julgamento de Deus é: “Seu povo” (v. 30).

Em Apocalipse 14, um anjo/mensageiro com um “evangelho eterno” para proclamar a todos os habitantes do Planeta Terra (v. 6) anuncia: “Temei a Deus, e dai-Lhe glória, porque chegou a hora do Seu juízo; adorai Aquele que fez o céu e a terra, o mar e as nascentes de águas” (v. 7). Sabemos que esse tempo de juízo é antes da Segunda Vinda de Cristo, porque seu anúncio é parte de um apelo do evangelho para escolher Deus antes que todos os destinos sejam selados. Nos versos 9-10, outro anjo adverte: “Se alguém adorar a besta e sua imagem e receber uma marca em sua testa ou em sua mão, ele também beberá do vinho da ira de Deus.” Isto se refere ao capítulo anterior (Ap 13), onde uma besta arrogante, blasfema (um composto dos animais predatórios na visão apocalíptica de Daniel 7) persegue o povo de Deus, tem poder por 42 meses (= 3 e ½ anos/tempos; Ap 12:14 – “um tempo e tempos e metade de um tempo;” cf. v. 6 – 1.260 dias), sofre uma ferida muito séria, mas revive, e há uma tentativa de coagir as pessoas a adorá-la.²⁰ Desse modo o apelo de Apocalipse 14 durante o tempo do juízo é a resposta de Deus à ameaça apresentada pela besta.

Voltando a Daniel 7, que fornece o contexto para Apocalipse, encontramos uma sucessão de bestas predatórias representando poderes humanos, a quarta das quais é representada como um monstro terrível com dez chifres. Dentre os seus chifres surge um novo chifre que começa pequeno, mas cresce poderoso e arrogante e simboliza um poder blasfemo; poder perseguidor que se empenha fortemente na atividade pertencente à esfera da religião: “Ele falará contra o Altíssimo e perseguirá o santos do Altíssimo, e ele tentará fazer alterações nos tempos e na lei; e eles serão dados em sua mão por um tempo, tempos e metade de um tempo” (v. 25).

A resposta de Deus à ameaça apresentada pelo poder do “chifre pequeno” é um julgamento escatológico impressionante no céu (vv. 9, 10). Este julgamento segue e condena as depredações do arrogante e opressivo poder do “chifre pequeno” (vv. 11, 26), e vindica o povo santo de Deus. Essas pessoas, conseqüentemente, recebem a posse eterna do reino/domínio deste mundo (vv. 18, 22, 27) sob o senhorio de “Um como um Filho do Homem” (= Cristo), que recebe o reino quando Ele vem ao “Ancião de Dias” (Deus o Pai) no céu (vv. 13, 14). Esta atribuição de posição a Cristo no céu através do julgamento ocorre antes da Sua Segunda Vinda.

O paralelo com Apocalipse 13 e 14 é o mesmo tipo de poder religioso terrestre opressivo e blasfemo, exercendo dominação pelo mesmo período de tempo, é seguido pelo mesmo tipo de resposta divina: um juízo. Esta

20 Cf. 2 Tessalonicenses 2, onde a apostasia envolve um “homem de ilegalidade” blasfemo, que é finalmente destruído na Segunda Vinda de Cristo (vv. 1-12).

comparação intertextual sugere que a “besta” de Apocalipse, da perspectiva do apóstolo João, que ainda está futuro, no final do primeiro século A.D., representa o mesmo poder – “chifre pequeno” – de Daniel, e os juízos em Daniel 7 e Apocalipse são o mesmo evento.²¹

O fato que em Daniel 7 livros/registros sejam abertos antes que um veredicto seja alcançado (v. 10) indica que esta é uma fase deliberativa do juízo, que considera a história das ações humanas. Conseqüentemente, os Adventistas têm chamado frequentemente este juízo de “investigativo.” No entanto, a investigação não é para a informação de Deus, porque Ele já sabe tudo. Pelo contrário, a divulgação dessas informações é para os seres criados por Deus (e.g., “miríades de miríades estavam diante Dele;” v. 10), para que saibam que Seu tratamento dos seres humanos é justo. A partir desta perspectiva, o juízo poderia ser chamado de “juízo demonstrativo de Deus.”

O fato de que o julgamento é para o benefício dos seres criados por Deus, que não conseguem ler pensamentos como Ele pode, explica por que outras passagens bíblicas falam de Deus trazendo obras ao julgamento (e.g., Ec 12:14) em vez de pensamentos de fé ou falta dela. Embora sejamos salvos apenas pela graça através da fé (Ef 2:8), a fé viva opera através do amor (Gl 5:6; Tg 2:26), assim, as obras são um indício válido de fé, que pode ser testemunhado pelos seres criados por Deus.

A visão de Daniel 8 sobrepõe em grande parte o âmbito cronológico do capítulo 7, mas desta vez o remédio escatológico é apresentado a partir de um ângulo diferente: “até 2.300 tardes e manhãs, então o santuário será justificado” (8:14; minha tradução literal). Dentro das estruturas literárias paralelas de Daniel 7 e 8, é evidente que a justificação do santuário de Deus é o equivalente funcional do julgamento, indicando que essas descrições se referem à mesma resposta divina à rebelião religiosa contra Ele.²²

Daniel 8:14 levanta duas questões principais: (1) Como o santuário de Deus poderia ser justificado por meio de um julgamento? e (2) como a expressão “2.300 tardes e manhãs” indica a ocasião do evento? Para responder a estas perguntas, devemos examinar a visão de Daniel 8 mais de perto.

COMO PODE O SANTUÁRIO DE DEUS SER JUSTIFICADO ATRAVÉS DE UM JUÍZO?²³

O santuário/templo de Deus é a sede de Sua administração, onde Ele tem o Seu trono (Jr 17:12). Então, Seu santuário representa Sua reputação, caráter e autoridade. Isto é confirmado pelo fato de que Seu “nome” estava presente no santuário (Dt 12:5, 11), e Seu “nome” tem que ver com Sua reputação (Ez 20:9). Portanto, o denominador comum

²¹ Cf. Mateus 24:15; Marcos 13:14, onde Jesus coloca a “abominação da desolação,” predita por Daniel, no futuro, a partir de Sua perspectiva.

²² Cf. William Shea, “Unity of Daniel,” em *Symposium on Daniel* (ed. Frank Holbrook; Daniel and Revelation Committee Series 2; Washington, D.C: Biblical Research Institute, 1986), vol. 2, p. 209; Jacques Doukhan, *Daniel: The Vision of the End* (edição revisada; Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 1987), pp. 29, 30.

²³ Esta seção é adaptada de Roy Gane, *Who’s Afraid of the Judgment?* (Nampa, ID: Pacific Press, 2006), pp. 38-42.

entre o julgamento e justificar o santuário é a reputação de Deus: O julgamento justifica/vindica a reputação de Deus, e este evento é representado pela justificação/vindicação do Seu Santuário.²⁴

Reforçando a conexão entre o santuário e o juízo, há uma forte ligação entre Daniel 8 e o Dia da Expição Israelita (Lv 16), que combinava os temas de justificar o santuário e o julgamento: O ritual/simbólico de purificação do santuário pelo sangue (vv. 14-19) representava a vindicação de Deus, e ao mesmo tempo aqueles que mostraram lealdade a Deus eram confirmados (Lv 16:30) mas os desleais eram condenados (23:29, 30).²⁵

Além do fato de que em Daniel 8:14 o santuário de Deus é restaurado por ser “justificado,” Daniel 8 faz alusão ao santuário e ao Dia da Expição de várias maneiras:

1. Em Daniel 8, Daniel viu dois animais sacrificiais: um cordeiro e um bode. Estes são encontrados como um par em apenas um antigo contexto ritual Israelita – o Dia da Expição – como os dois sacrifícios da comunidade Israelita não-sacerdotal (Lv 16:5, 15, 24).²⁶
2. Em Daniel 8:11, o “chifre pequeno” remove o *tamid*, “regularidade,” referindo-se a adoração regular, como indicado pelo fato de que em outro lugar a palavra Hebraica *tamid*, “regularidade/regular” qualifica um conjunto de atividades de adoração regulares executadas para Deus por Seu povo no santuário Israelita.²⁷
3. Em Daniel 8:11(NVI), o local do santuário de Deus é “destruído” (cf. v. 13).
4. Daniel 8:12 refere-se à rebelião/transgressão contra a adoração regular a Deus. A palavra para “rebelião” aqui é o substantivo *peša*, que aparece na lei ritual do Pentateuco somente no contexto do Dia da Expição (Lv 16:16, 21).

Até agora, descobrimos que em Daniel 7 e 8 a solução para o problema do “chifre pequeno,” incluindo seu efeito sobre Deus e sobre Seu povo, é um evento incrível que funciona como um grande Dia de Expição do tempo do fim antes de Jesus voltar à terra novamente. Assim como os Israelitas não podiam ver seu sumo sacerdote aproximar-se de Deus no santuário (Lv 16), Cristo Se aproxima de Seu Pai no céu, fora da visão terrena (Dn 7:13).

²⁴ “Tendo em vista a ideia de vindicação em 8:14 e o fato de que o ‘Filho do Homem’ no capítulo anterior também representa a vindicação – as promessas a respeito do reino de Deus expressas na imagem de um novo (purificado, restaurado, vindicado) templo – não é estranho que alguns estudiosos têm visto que 8:14 representa simbolicamente o mesmo julgamento retratado em 7:9-13” (Desmond Ford, *Daniel* [Nashville: Southern Publishing Association, 1978], p. 163).

²⁵ Os Judeus ainda observam o *Yom Kippur*, o Dia da Expição, como um dia de juízo de acordo com a tradição rabínica (Jacques Doukhan, *Secrets of Daniel: Wisdom and Dreams of a Jewish Prince in Exile* [Hagerstown, MD: Review and Herald, 2000], pp. 128, 129). Para uma ligação linguística entre os conceitos de justificar e purificar, onde essas ideias se cruzam na área semântica de “vindicação,” ver o paralelismo sinônimo em Jó 4:17.

²⁶ Cf. Doukhan, *Daniel: The Vision of the End*, pp. 26-29.

²⁷ Incluindo a renovação semanal do “pão da Presença” (Êx 25:30; Lv 24:8), manutenção diária das lâmpadas no candelabro para que elas possam queimar todas as noites (27:20; Lv 24:2-4), mediação diária/contínua pelo sumo sacerdote, como representada por suas vestes únicas (28:29, 30, 38), a oferta queimada diária (29:38, 42), queima diária de incenso (30:8), manutenção regular/contínua do fogo sobre o altar exterior (Lv 6:13) e o ofertar regular de grãos pelo sumo sacerdote (6:20).

Um julgamento do Dia da Expição não anulava o perdão que os crentes já haviam recebido. Contra o equívoco acadêmico onipresente por dois mil anos, as passagens bíblicas que lidam com o Dia da Expição (Lv 16; 23:26-32; Nm 29:7-11) não dizem nada sobre o perdão, porque o grande Dia proporcionava expiação além do perdão: purificação moral/vindicação para o leal, reafirmando o perdão que eles já haviam recebido (Lv 16:30, no contexto).

No antigo santuário, quando o sumo sacerdote promulgava o juízo no Dia da Expição, ele não purificava o santuário, limpando as manchas de sangue que tinha sido aplicado pelos pecados durante o ano. Não, ele colocava mais sangue em vários dos mesmos lugares (Lv 16:14-19; compare 4:6, 7, 17, 18, 25, 30, 34), reafirmando o perdão que já tinha sido concedido.

O sangue de quem é representado? O sangue de Cristo! O sacrifício de Cristo é tão grande que ele não só compra o nosso perdão, ele paga o custo da misericórdia após o perdão, reafirmando assim nossa expiação, nossa reconciliação com Deus. Vamos ouvi-Lo de novo pelo sangue de Cristo!

O sangue de Cristo aplicado a você no julgamento diz: Você está realmente perdoado e finalmente purificado de quaisquer impedimentos à sua relação de concerto com Deus. Você pertence a Deus, não a Satanás.²⁸

Assim como Daniel 7 coloca um limite de tempo nas perseguições do “chifre pequeno” (verso 25 – “um tempo, tempos, e metade de um tempo”), Daniel 8 limita o tempo durante o qual o santuário de Deus sofreria contaminação: “Até 2.300 tardes e manhãs, o santuário será justificado” (tradução minha).

QUANDO COMEÇA A JUSTIFICAÇÃO (= JUÍZO) DO SANTUÁRIO BEGIN?²⁹

Se o juízo pré-advento de Deus do tempo final é equivalente ao Dia da Expição Israelita, no qual Deus esperava que todos os Seus fiéis mostrassem sua lealdade enquanto Seu santuário estava sendo purificado (Lv 16:29-31; 23:26-32), não deveriam os Cristãos saber quando o juízo do tempo do fim começa? Deus disse aos Israelitas precisamente quando o dia da expiação começava para que eles soubessem quando participar (Lv 23:27, 32).

Daniel 8 diz que a justificação do santuário (= juízo) vem depois das “2.300 tardes e manhãs.” Este capítulo se assemelha aos capítulos 2 e 7, pois abrange uma extensão da história desde os dias de Daniel até o final da era presente.³⁰ A visão de Daniel 8 começa com a progressão desde a Medo-Pérsia até a Macedônia/Grécia, que são explicitamente identificadas nos versos 20 e 21 e simbolizadas por um carneiro seguido por um bode (versos 3-8). Ao estabelecer as referências destes símbolos, o texto dá ao leitor pontos de apoio históricos indiscutíveis.

²⁸ Gane, *Altar Call*, p. 340. A tipologia/simbolismo do Dia da Expição começou a ser cumprida na cruz porque foi quando o sangue sacrificial de Cristo foi derramado. Mas a aplicação do sangue de Cristo com o propósito de purificar o santuário de Deus = o juízo não começa até mais tarde, porque ele ainda é futuro da perspectiva do escritor de Hebreus 10.

²⁹ Baseado em Gane, *Who's Afraid of the Judgment?* pp. 36-38, 59-67.

³⁰ Sobre o esboço histórico paralelo em Daniel 2, 7, 8, a “Profecia Dinástica,” Babilônica e o Novo Testamento, veja idem, pp. 42-44.

Aqui estão dez passos exegéticos para identificar o tempo em que a justificação do santuário começa.³¹

Passo 1: Identificar o “chifre pequeno” (Daniel 8)

Em Daniel 8, o santuário de Deus é justificado no fim das “2.300 tardes e manhãs” (v. 14) e resolve os problemas causados por um poder do mal identificado como “chifre pequeno.” O “chifre pequeno” surgiu após uma sucessão de poderes:

- Um cordeiro (vv. 3, 4) representando o império **Medo-Persa** (v. 20) foi conquistado por um bode com um grande chifre (vv. 5-7), simbolizando a **Grécia/Macedônia** sob seu primeiro rei (v. 21). Este deve ser Alexandre o Grande, que conquistou a Medo-Pérsia nos anos 330s A.C.
- Quando Alexandre morreu, seu reino foi dividido em **quatro reinos Gregos (Helenísticos)**, representados por quatro chifres (vv. 8, 22). Os quatro reinos foram: o Egito Ptolomaico, a Síria Seleucida, a Dinastia de Pérgamo e a Macedônia Antígona.
- O “chifre pequeno” surgiu no fim do governo dos quatro reinos (v. 23) dos quatro “ventos do céu,” isto é, direções para as quais o Império de Alexandre foi dividido (vv. 8, 9). Ele era distinto dos quatro reinos Gregos e os substituiu, construindo um grande império em várias direções horizontais (sul, leste e em direção à “[Terra] Formosa = Palestina, implicando que ele veio do Noroeste; v. 9). Então ele cresceu verticalmente como um poder religioso, perseguindo a “hoste do céu” (= povo de Deus; v. 24), desafiando o Comandante da hoste, interrompendo a verdadeira adoração a Deus, e colocando algo mais em seu lugar (vv. 10-13).³² Apenas um poder se encaixa nesta descrição: Roma em suas fases pagã e papal.³³

³¹ Idem, pp. 62-67; adaptado de Gane, *Altar Call*, pp. 280-297; cf. Clifford Goldstein, *1844 Made Simple* (Boise, Id.: Pacific Press, 1988).

³² Sobre as dimensões horizontal e vertical em Daniel 8, veja Shea, “Unity of Daniel,” pp. 193-195.

³³ Tentando estabelecer Antíoco Epifânio IV, um soberano Seleucida Helenístico (reinou entre 175-164/3 A.C.), como o “chifre pequeno,” muitos estudiosos têm entendido “de um deles” como significando que o “chifre pequeno” sai de um dos chifres Helenísticos. Afinal, os chifres não surgiram dos ventos. Mas os chifres normalmente crescem de outros chifres, e isso é profecia simbólica, onde os símbolos não precisam estar em conformidade com o que encontramos na vida real (veja, e.g., 7:6). Existem várias razões para rejeitar uma interpretação que Daniel 8 prevê a ascensão e carreira de Antíoco como algum cumprimento (incluindo um “apotelesmático”) do “chifre pequeno.” Por exemplo:

(1) “*Deles*” em “de um deles” no início do verso 9 se refere mais naturalmente ao antecedente mais próximo: a expressão imediatamente anterior “quatro ventos do céu” no final do verso 8. Desse modo, o “chifre pouco,” absolutamente não precisa surgir de um reino Helenístico, mas pode simplesmente vir de uma das direções em que o reino de Alexandre foi dividido.

(2) Daniel 8:9, ao apresentar o “chifre pequeno,” não continua a descrição dos reinos Helenísticos, mas começa uma nova unidade literária contendo elementos equivalentes aos encontrados nos parágrafos anteriores sobre o carneiro Medo-Persa e o Helenístico: identificação da origem, direções de expansão, e indicação de poder/grandeza. Isto implica que o “chifre pequeno” é independente dos poderes Helenísticos em vez de ser a continuação de um deles (Martin Pröbstle, “Truth and Terror: A Text Oriented Analysis of Daniel 8:9-14” [*Ph.D. dissertation; Andrews University, 2006*], pp. 534-537).

(3) Em Daniel 8 o carneiro Medo-Persa “magnificou-se” (verso 4), o bode Grego de Alexandre “magnificou-se extraordinariamente” (verso 8), e o “chifre pequeno” “se tornou excessivamente grande” (verso 9). Se Antíoco fosse o “chifre pequeno,” como poderia sua grandeza ser comparável à de Alexandre o Grande, ou mesmo da poderosa

O Império Romano estava no controle desde pouco antes do começo da era Cristã até o quinto século A.D. O Império foi substituído pela Igreja de Roma, que dominou a Idade Média. Se a justificação do santuário de Deus acontece depois da dominação pelo “chifre pequeno” e se o “chifre pequeno” representa Roma, o santuário deve ser justificado após a dominação por Roma.

Pérsia ➡ Grécia ➡ 4 reinos ➡ Roma ➡ Sanctuary Justified

Nota: Identificamos a fase vertical do “chifre pequeno” com a Igreja de Roma, não por causa de algum tipo de preconceito, mas simplesmente seguindo as evidências na Bíblia e reconhecendo a maneira exata em que as profecias de Daniel foram cumpridas. Ao implicar a Igreja de Roma, a Bíblia adverte contra um sistema institucional de hierarquia, ritual e dogma que é contrário a Deus e à Sua adoração pura, mas não exclui todos os membros dessa comunhão da salvação definitiva.³⁴ Jesus disse: “E Eu tenho outras ovelhas, que não são deste rebanho; devo trazê-las também, e elas ouvirão a Minha voz; e tornar-se-ão um rebanho com um pastor” (Jo 10:16; cf. Ap 18:4, chamando pessoas para saírem de “Babilônia” no fim-tempo). Através dos séculos, tem existido muitas pessoas maravilhosas pertencentes à Igreja de Roma, cuja sinceridade, espiritualidade, vida sacrificial por Cristo e serviço não-egoísta por outros são uma fonte de inspiração para todos os Cristãos. Será que somos todos tão dedicados como Madre Teresa!

Passo 2: Reconhecer que os 2.300 dias não podem ser dias literais

A pergunta em Daniel 8:13 é: “Quanto tempo durará a visão...?” A resposta é: “2.300 tardes e manhãs,” isto é, 2.300 dias (v. 14).³⁵ Mas a visão dura desde a Medo-Pérsia no início de Daniel 8 (vv. 1, 2) até ao fim de Roma, um período que abrange muitos séculos. Isto é muitas vezes mais do que 2.300 dias literais, que é menos que 6 anos e 1/2.

Passo 3: Reconhecer que Daniel 9 explica a visão de Daniel 8

Daniel orou a Deus (9:3-19), que enviou Gabriel (vv. 20-23) para ajudá-lo a “entender a visão” (v. 23) dando-lhe informações adicionais. Não há visão em Daniel 9, portanto, esta deve ser a visão de Daniel 8. Gabriel confortou Daniel dizendo-lhe que os Judeus seriam restaurados à sua terra e templo mais cedo do que o fim dos 2.300 dias. Dentro das “70 semanas,” Jerusalém seria restaurada e “um Príncipe Ungido,” o Messias, viria (9:24-27).

Medo-Pérsia? Em vez de expandir seu império, ele não conseguiu conquistar o Egito e foi expulso da Palestina pelos Macabeus. Para mais detalhes, veja William Shea, *Selected Studies on Prophetic Interpretation* (ed. Frank Holbrook; Daniel and Revelation Committee Series 1; Silver Spring, MD: Biblical Research Institute, 1992), pp. 31-66; Desmond Ford, *Daniel* (Nashville: Southern Publishing Association, 1978), pp. 164, 188, 191; Gane, *Who's Afraid of the Judgment?*, pp. 78-86.

³⁴ Gerhard Pfandl, *Daniel: The Seer of Babylon* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 2004), pp. 82-83.

³⁵ Para razões por que “tarde e manhã” aqui significa unidades “dia” (não meio dia), veja Gane, *Who's Afraid of the Judgment?*, pp. 83-85.

Passo 4: Identificar a data quando as “setenta semanas” começam

Daniel 9:25 fornece o início das “70 semanas”: “Desde a emissão de um decreto para restaurar e reconstruir Jerusalém.” A palavra/decreto que resultou na restauração de Jerusalém como a capital dos Judeus foi o decreto do rei Persa **Artaxerxes I**, que ocorreu com a ida de Esdras para Jerusalém no sétimo ano de seu reinado (Ed 7), datado como o ano **457 A.C.**³⁶

Passo 5: Reconhecer que as “setenta semanas” são semanas de anos

As “70 semanas” iniciaram durante a era Persa e incluíam a reconstrução de Jerusalém e a vinda do Messias. Como poderia tudo isso acontecer em 70 semanas de dias literais, ou seja, 490 dias? Levítico 25 fornece a solução. Para os Israelitas, uma semana poderia ser uma semana de anos: Depois de sete Sábados /semanas de anos (= 49 anos), vinha a liberdade do Jubileu (Lv 25:8-10). Da mesma forma, as “70 semanas” de Daniel 9 são um período Jubilar em escala maior. A liberdade do domínio de potências estrangeiras poderia vir após setenta semanas de anos, que totaliza 490 anos. O fato de que as “70 semanas” representam um período que conduziu a uma espécie de “Jubileu” é reforçada pelo verso 25, que se refere a “sete semanas de anos” (= 49 anos) no início das “70 semanas.”³⁷

Passo 6: Encontrar o Final dos 490 anos

Tendo em conta o fato de não haver um ano zero entre o tempo A.C. e D.C. (1 A.C. → 1 D.C.; não 1 A.C. → 0 → 1 D.C.), 490 anos desde 457 A.C. é **34 D.C.** Calcule: 490-457=33, mas adicione 1 porque não havia ano zero e conseqüentemente os 490 anos avançam para adiante um ano extra. Isto é confirmado por Daniel 9:25, 26, que diz que o Messias viria no início da última semana de anos (7 anos antes de 34 D.C.), isto é, depois de 7+62=69 semanas, que são 483 anos, indo desde 457 A.C. a 27 D.C.

	Messias
457 A.C.	27 D.C. 34 D.C.
490 anos	

³⁶ Para “restaurar” (Hiphil de *šwb*), com uma cidade como objeto direto significando restauração ao proprietário anterior, cf. 1Rs 20:34; 2 Rs 14:22 (Idem, 74). Decretos anteriores de Ciro e Dario, também registrados no livro de Esdras, nem mesmo mencionam a cidade de Jerusalém. Sobre a datação do decreto de Artaxerxes e o retorno de Esdras, veja Siegfried H. Horn e Lynn H. Wood, *The Chronology of Ezra 7* (Washington, D.C.: Review and Herald, 1953, 1970), especialmente as pp. 115, 127; cf. *The Seventh-day Adventist Bible Commentary* (ed. Francis D. Nichol; Washington, D.C.: Review and Herald, 1955), vol. 3, pp. 100-108; Brempong Owusu-Antwi, *The Chronology of Daniel 9:24-27 (Adventist Theological Society Dissertation Series 2; Berrien Springs, MI: Adventist Theological Society, 1995)*, pp. 295-299.

³⁷ L. Koehler e W. Baumgartner, *The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament* (Leiden: Brill, 2001), vol. 2, p. 1384 lista como o terceiro significado de *šabua* ‘ “semana”: “uma semana de anos, um período de sete anos,” citando Daniel 9:24, 25, 27.

Temos fortes evidências de que essa profecia foi cumprida com precisão em tempo real, indicando que os períodos apocalípticos de Daniel são precisos em vez de cronologicamente sem sentido.³⁸ Jesus foi batizado e iniciou Seu ministério público “no décimo quinto ano do reinado de Tibério César” (Lc 3:1). É bem conhecido de fontes históricas seculares que Tibério se tornou imperador único de Roma (depois de ter sido coregente nas províncias Romanas) quando Augusto morreu em 19 de agosto de 14 D.C. Lucas provavelmente seguiu o método habitual Judaico de datar naquela época, que contava o primeiro ano do reinado de um rei como a porção do ano que vem antes do primeiro Dia de Ano Novo (no outono, cerca de meados de outubro) de seu reinado. Assim, o tempo entre 19 de agosto e outubro de 14 D.C. teria sido contado como o primeiro ano de Tibério. O segundo ano do imperador teria sido o ano civil Judeu cobrindo outubro de 14 D.C. a outubro de 15 D.C. Continuando desta forma, o décimo quinto ano de Tibério teria chegado do outono de 27 D. C. ao outono de 28 D.C. O fim dos 483 anos de Daniel foi de 27 D.C., caindo dentro do período do décimo quinto ano de Tibério.³⁹

Passo 7: Reconhecer que o fim de Daniel 9 se refere a acontecimentos que ocorreriam depois dos 490 anos, mas ainda durante os 2.300 dias

Gabriel disse a Daniel que “O Ungido” = Messias = Cristo “seria morto” e “não haveria lugar para ele,” e então Jerusalém seria destruída juntamente com o seu templo (Dn 9:26). Em Daniel 9:27, o Messias confirmaria um concerto com muitos (cf. Mt 26:28) e faria com que o sistema sacrificial cessasse, isto é, traria um fim à sua importância (cf. 27:51; Hb 7-10) no fim dos 490 anos. Então “numa ala do templo serão colocadas

³⁸ Comentando Daniel 9, referindo-se a Daniel estudando a profecia de Jeremias de 70 anos (v. 2), Tremper Longman III não leva em conta a precisão dos períodos de tempo apocalíptico de Daniel. A profecia de Jeremias, que predisse que o povo de Judá e as nações vizinhas serviriam o rei da Babilônia até que Deus puniria Babilônia e libertaria os Judeus do exílio (Jr 25:11, 12; 29:10), não foi cumprida durante um período de 70 anos. Em vez disso, à luz da 2 Crônicas 36:20-23, o exílio babilônico durou significativamente menos de 70 anos: desde a destruição Babilônica do templo e da realização da deportação (586 A.C.) até a conquista da Babilônia por Ciro e o decreto permitindo que alguns Judeus retornassem à sua terra natal (539 A.C.). Além disso, Zacarias 1:12 refere-se aos 70 anos mais tarde, em 519 B.C., como se eles ainda estivessem em processo (Daniel [NIV Application Commentary; Grand Rapids, Zondervan, 1999], pp. 221, 222). Longman conclui: “Quando comparamos essas passagens e refletimos sobre o próprio número, chegamos à conclusão de que o número não é literal, nem mesmo refere-se a um período específico de tempo. Isto não deve nos preocupar; é a maneira predominante em que os números são usados na apocalíptica. O reconhecimento deste fato também deve nos preparar para o uso, mais tarde, ainda mais extravagante de números no capítulo” (p. 222). Longman está fora do alvo de várias maneiras:

(1) A profecia de Jeremias não é apocalíptica, então as conclusões desta profecia clássica não podem ser aplicadas automaticamente aos períodos apocalípticos de Daniel.

(2) A Babilônia dominou a Síria-Palestina desde 605 A.C. em diante, e o decreto de Ciro para libertar os Judeus não ocorreu imediatamente quando a Medo-Pérsia conquistou Babilônia, ou Daniel não teria se preocupado com a liberdade para seu povo após essa conquista já ter ocorrido (Dn 9). Assim, os parâmetros maiores da dominação Babilônica e do cativeiro resultante podem ter coberto 70 anos.

(3) 2 Crônicas 36 faz uma aplicação dos 70 anos no contexto de um relatório a respeito da destruição e da deportação em 586 A.C., mas isto não significa necessariamente que os setenta anos começaram nesta data. Afinal, a terra teria começado a desfrutar de seus “Sábados” mais cedo, como resultado de deportações anteriores.

(4) Zacarias 1 aborda os resultados dos 70 anos que ainda permaneceram, décadas após o final deste período.

³⁹ *The Seventh-day Adventist Bible Commentary* (1956), vol. 5, pp. 243-247 explica esta cronologia em detalhes.

abominações que o tornará desolado, até mesmo uma destruição completa, uma que é decretada, é derramada sobre aquele que o torna desolado” (Dn 9:27).

Em Daniel 9, o contexto imediato da abominação desoladora/terrível é a destruição do segundo templo (de Herodes) em Jerusalém pelo exército Romano Imperial de Tito em 70 D.C., (fase horizontal do chifre pequeno), algumas décadas após o sacrifício de Cristo (ca. 31 D.C.). Jesus falou deste acontecimento quando Ele advertiu: “Assim, quando vocês virem ‘o sacrilégio terrível,’ do qual falou o profeta Daniel, no Lugar Santo – quem lê entenda – então, os que estiverem na Judéia fujam para os montes” (Mt 24:15, 16). Porque os primeiros Cristãos reconheceram este sinal quando as bandeiras pagãs do exército Romano estavam no lugar santo que se estendia fora das muralhas de Jerusalém desde a área do templo, eles escaparam da destruição da cidade.

A linguagem de Daniel 9:27 também se liga com o restante da história que já conhecemos de 8:11-13, especialmente nas palavras do verso 13 – “transgressão que torna desolado” (NRSV; cf. o paralelo “abominação da desolação” em 11:31; 12:11), durante a última parte dos 2.300 dias. Aqui Daniel 8 refere-se a algum tipo de adoração terrena falsa que a fase vertical do “chifre pequeno” Romano – a Igreja de Roma – colocaria no lugar do sistema sacrificial e sacerdotal terrestre que Cristo tinha feito cessar. Agora podemos entender melhor por que Daniel 8 retrataria Roma Imperial e Papal juntas sob o mesmo símbolo do “chifre pequeno”: Ambas iriam perpetrar a desoladora transgressão/abominação após a Primeira Vinda de Cristo. Enquanto 9:27 tem Roma Imperial no primeiro plano, a Igreja de Roma está no segundo plano.

Passo 8: Reconhecer que os 2.300 dias, como as setenta semanas, devem representar anos

Agora sabemos várias coisas:

- O santuário que é “justificado” no fim dos 2.300 dias deve ser o santuário celestial de Deus, onde Cristo está ministrando (Hb 7-10), porque este evento soluciona as abominações cometidas pela fase vertical (papal) do “chifre pequeno,” que ocorrem depois que o templo terrestre foi destruído em 70 A.D.
- Os 2.300 dias de Daniel 8 e os 490 anos de Daniel 9 iniciam no tempo do império Medo-Persa.
- Os 2.300 dias vão além dos 490 anos, do começo ao fim de um tempo em que a Igreja de Roma iria estabelecer falsa adoração, a um tempo em que Deus resolveria este problema. Então, o período dos 2.300 “dias” vai desde os tempos da Medo-Pérsia até a época do domínio exercido pela Igreja de Roma. Portanto, os “2.300 dias” devem ser mais longos do que os 490 anos, e como na expressão “setenta semanas,” “tardes e manhãs” = dias devem representar anos, como em outro lugar em algum tempo simbólico de profecias (Nm 14:34; Ez 4:6), e em conformidade com o fato que a palavra Hebraica para “dias” (plural de *yom*) pode referir-se a anos (e.g., Jz 17:10; 1Sm 1:21; 27:7).⁴⁰

⁴⁰ Para mais evidência sobre dias = anos em tais contextos, veja William Shea, *Selected Studies on Prophetic Interpretation* (ed. Frank Holbrook; ed. revisada; *Daniel and Revelation Committee Series 1*;

Passo 9: Ver como os 490 anos se sobrepõem na primeira parte dos 2.300 anos

Desde que Gabriel explica “a visão”, mas dá um ponto do começo somente para os 490 anos (Dn 9:23, 25), que é a primeira fase dos 2.300 anos, o ponto do começo para os 2.300 anos deve ser o mesmo. A partir de 457 A.C., quando a cidade do antigo templo terrestre de Deus começou a ser restaurada, os 490 anos chegam até o estabelecimento da primeira fase de expiação de Cristo. Os 2.300 anos chegam até o início de sua segunda fase de expiação: o juízo.

A linguagem de Daniel 9:24 concorda com a ideia que os 490 anos eram a primeira parte dos 2.300 anos: “Setenta semanas foram decretadas para o seu povo...” A palavra Hebraica traduzida como “decretada” aqui (Niphal de *htk*) não é usada em outro lugar da Bíblia. No entanto, no Hebraico rabínico ela é bastante comum, na maioria das vezes com o significado básico, “cortar.” Objetos de corte podem ser coisas como partes de animais, mas a palavra também pode ser usada para cortar um verso em dois versos.⁴¹

“Determinada” ou “decretada” é um significado estendido, porque nos tempos antigos uma decisão legal ou decreto promulgado por um governo era considerado como algo que foi “cortado” (comparar o nosso idiomatismo [Inglês], “cortar um acordo”). A palavra Hebraica é ideal para Daniel 9:24 porque ambos os significados básicos e estendidos se aplicam: As “setenta semanas” foram “cortadas” para o povo Judeu desde o início dos 2.300 anos e elas foram “determinadas/decretadas” para ele.

Passo 10: Encontrar o final dos 2.300 anos

Desde que os 490 anos começaram em 457 A.C., os 2.300 anos também começaram em 457 A.C. Agora que temos uma data de início, podemos facilmente descobrir quando o santuário celestial deve ser justificado de acordo com Daniel 8:14. Indo para adiante dos 2.300 anos a partir de 457 A.C., sem um ano zero, chegamos a **1844 D.C.**, logo depois que o poder civil da Igreja de Roma chegou ao seu ponto mais baixo em 1798.⁴² Por isso, faz sentido que um juízo celestial começando em 1844 resolveria os problemas criados pelo poder Romano após o período de domínio deste poder ter terminado.

As implicações desta conclusão para os Cristãos modernos são surpreendentes. Estamos vivendo na época do juízo do Dia da Expiação pré-advento, pouco antes de Jesus voltar para conquistar o Planeta Terra e estabelecer Seu reino eterno! As mensagens dos três anjos em Apocalipse 14 se aplicam diretamente a nós: Enquanto Cristo, nosso sumo sacerdote celestial, está envolvido em justificar/vindicar o santuário, representando o caráter sagrado de Deus, devemos participar deste evento demonstrando nossa lealdade por meio da guarda dos mandamentos de Deus e da fé de Jesus (Ap 14:12). Richard Davidson tem apontado

Silver Spring, MD: Biblical Research Institute, 1992), pp. 67-110; Gane, *Who's Afraid of the Judgment?* pp. 68-72.

⁴¹ Marcus Jastrow, *A Dictionary of the Targumim, the Talmud Babli and Yerushalmi, and the Midrashic Literature* (New York: Judaica Press, 1975), p. 513.

⁴² Quando Berthier, general de Napoleão, capturou o papa.

três importantes razões por que este juízo, prefigurado pelo Dia da Expição Israelita, é uma boa notícia: “(1) ele restaura o evangelho ao seu legítimo lugar, trazendo ao crente confiança e vindicação no juízo; (2) ele realiza a purificação do santuário celestial e sua contraparte terrena, os templos da alma dos santos; e (3) ele vindica o caráter de Deus.”⁴³

CONCLUSÃO

Por que mais pessoas não aceitam os aspectos escatológicos do ensino do santuário, incluindo um juízo pré-Advento que está ocorrendo agora? Aqui estão algumas poucas razões possíveis:

1. Abandono da visão da Reforma sobre a Igreja de Roma, em favor do ecumenismo e da correção política. Sem incluir a Igreja de Roma no cumprimento do “chifre pequeno,” é impossível interpretar com precisão a profecia de tempo de Daniel 8:14.
2. Abandono do historicismo pela maioria dos Cristãos após o desapontamento de 1844, quando William Miller e seus associados predisseram a Segunda Vinda de Cristo com base em Daniel 8:14, interpretando erroneamente a purificação do “santuário” após os 2.300 dias = anos como a purificação do mundo pelo fogo. Outros erros exegéticos e excessos cometidos por historicistas não ajudaram a causa do historicismo. Estudiosos Adventistas bem treinados agora estão sendo muito mais cuidadosos e cautelosos, utilizando todos os ricos recursos exegéticos à sua disposição, mas o estigma ainda é forte.⁴⁴
3. O equívoco que o ensinamento Adventista de que Cristo começou uma nova fase do ministério no santuário celestial em 1844, ou seja, a participação em um juízo pré-Advento no céu, é simplesmente uma estratégia de reinterpretção para Mileritas decepcionados escaparem de uma humilhação.⁴⁵ Naturalmente, sabemos que o mesmo tipo de argumento foi há muito tempo dirigido contra a realidade da Ressurreição de Cristo.
4. O fato de que nada aconteceu na terra em 1844 para provar o início de uma nova fase de salvação no céu. A aceitação disto, como com outras crenças Cristãs, baseia-se na fé na evidência bíblica apenas.
5. Não compreender o papel do juízo pré-Advento no plano de salvação do Senhor, supondo que ele legalisticamente destrói a garantia do Evangelho de fiéis, de pessoas salvas.⁴⁶
6. O equívoco que a escatologia Adventista do santuário é baseada nos escritos de Ellen G. White em vez de na exegese bíblica. Embora White tenha participado no estudo da Bíblia através do qual a visão Adventista básica foi desenvolvida e ela tenha escrito sobre este

⁴³ Richard M. Davidson, “The Good News of Yom Kippur,” *Journal of the Adventist Theological Society* 2 (1996), p. 23.

⁴⁴ Para explicação e comparação entre historicismo e outras abordagens, veja, e.g., *The Seventh-day Adventist Bible Commentary* (1955), vol. 4, p. 42; Gerhard F. Hasel, “Interpretation of the Chronology of the Seventy Weeks,” em *The Seventy Weeks, Leviticus, and the Nature of Prophecy* (ed. Frank Holbrook; *Daniel and Revelation Committee Series* 3; Washington, D.C.: Biblical Research Institute, 1986), pp. 13-63; William Shea, Daniel 7-12: Prophecies of the End Time (*The Abundant Life Bible Amplifier*; Boise, ID: Pacific Press, 1996), pp. 33-46; Jon Paulien, “The End of Historicism? Reflections on the Adventist Approach to Biblical Apocalyptic – Part One,” *Journal of the Adventist Theological Society* 14 (2003), pp. 15-43.

⁴⁵ Assim Longman, *Daniel*, p. 213.

⁴⁶ Sobre a função do juízo, o evangelho e a segurança, veja Gane, *Who’s Afraid of the Judgment?* pp. 93-128.

assunto, ela dirigia as pessoas à Escritura como a única autoridade. Observe que o presente artigo depende apenas da Bíblia.

7. O fato que interpretar as profecias de tempo de Daniel é um processo bastante complicado. Naturalmente, outros aspectos da interpretação bíblica também são complicados, e a necessidade de lidar com camadas de má interpretação aumenta enormemente a complexidade, embora não haja falta em Daniel.

Embora o movimento Adventista do Sétimo Dia tenha sido iniciado por pessoas que haviam sido Mileritas e que continuaram a aceitar alguns aspectos da interpretação profética de William Miller (especialmente em relação aos períodos apocalípticos no livro de Daniel), não somos Mileritas. Embora devamos muito a Miller, não endossamos qualquer tipo de ajuste de data para a Segunda Vinda de Cristo.

Estamos focados em Cristo, a expiação que Ele adquiriu com o Seu sangue e Seu ministério no santuário celestial quando Ele conduz Seu glorioso plano de salvação à conclusão. A única coisa sobre o ensino Adventista do santuário, simplificando, é que acreditamos que Cristo está na última fase de Sua obra salvadora. Isto destaca a iminência de Sua vinda e a urgência de se entregar ao Seu Espírito a fim de apelar para as pessoas de todas as nações para aceitarem o dom da salvação pela graça através da fé que opera pelo amor, o dom da paz com Deus (Rm 5:1) e a garantia de ter salvação: “Aquele que tem o Filho tem vida” (1Jo 5:12). Esta urgência escatológica impulsiona nossa proclamação e serviço, incluindo nossa obra mundial de saúde e educação, incluindo o da Andrews University.